

Estrada de ferro e internet

Os tempos são outros, a forma de interatividade é outra e a velocidade nem se compara, mas, em termos de impacto na evolução dos povos, a rede mundial de computadores não está tão distante da revolução causada pelas locomotivas na primeira metade do Século XIX. Ambas introduziram o sentido de entrelaçamento múltiplo na vida das pessoas, desorganizando a lógica cartesiana comumente orientadora do comportamento social. Com isso, abriram espaço para novas maneiras de afetividade, operação econômica e intercâmbio cultural.

É praticamente impossível descrever a perplexidade de quem se deparou com um trem pela primeira vez, quando os instrumentos de pedra e madeira, associados à ação dos músculos humanos e de animais, determinavam o desenvolvimento. Com muito esforço talvez sejamos capazes de conseguir pelo menos uma ligeira noção desse sentimento. Imaginando um imenso transporte todo de ferro, com motor próprio, fazendo o solo vibrar e sem fazer poeira que, ao invés de seguir as veredas tortuosas das carroças e carruagens, andava rápido, em linha reta e transportava um meio mundo de gente e carga de uma só vez, já é um bom exercício. “Vou depressa / Foge, bicho / Foge, povo / Passa ponte / Passa poste / Passa pasto / Passa boi / Passa boiada”. No poema “Trem de ferro”, o modernista pernambucano Manuel Bandeira (1886 – 1968) brinca com o tom categórico da imponente máquina.

Cruzando pontes, varando desertos, passando por penhascos vertiginosos e apitando na estação, o trem conserva até os dias de hoje o seu papel de protagonista insubstituível na formação do fascínio imprescindível à existência da arte. O cinema, a literatura, a pintura e a música universais estão aí para testemunhar o significado romântico e misterioso da rede ferroviária. Viagens, paisagens, guerras, fome, amor, migrações, fugas e encontros espetaculares integram o tom ocre das imagens geradas pelas histórias de trem, cujo efeito estético continua a se impor. Apenas a pretexto de ilustração quanto à importância do trem, basta dizer que, sem as linhas de ferro, não seríamos o país do futebol. A bola de futebol ganhou o Brasil nos pés dos engenheiros ingleses que trouxeram as locomotivas e vieram comandar a construção das estradas de ferro.

Por todos esses indícios costumo associar a ferrovia à internet. Com algumas adaptações e analogias. No lugar do som *heavy metal* das rodas de ferro, dos malotes de cartas que cruzavam os continentes sobre trilhos, da apreciação serena da paisagem pelas janelas dos vagões de passageiros, dos encontros e despedidas amorosos nas estações, do transporte de bens de consumo, do estouro das linhas com dinamite, dos assaltos aos trens pagadores, da busca de trabalho em outros lugares e do aprendizado através da relação direta entre diferentes; temos o barulhinho *soft* do modem, o correio eletrônico, a fantasia da ubiquidade visual, o namoro virtual e seu baixo risco de contaminação, os balcões de vendas *on line*, os *hackers*, os roubos em transferências digitais, as *homepages* curriculares e o acesso à informação independente de contatos pessoais. Do mesmo jeito que o trem imprimiu uma velocidade diferenciada em seu tempo, a internet distingue-se pela instantaneidade. A infovia criou o chamado tempo real.

A rede ferroviária instilou a aproximação das pessoas, deu calor e fermento para a humanidade criar o fértil e controverso Século XX. A teia de fibra ótica faz a sua movimentação em massa sem necessidade de locomoção física e não dá para prever até onde iremos no Século XXI. A grande maioria dos habitantes do planeta vem sendo afetada pelos efeitos da internet, mas não tem acesso a ela. Para mim, o que tinha que ser feito em termos de mudança conceitual da relação em rede, está feito. Por muitos e muitos anos não teremos uma alteração como as que caracterizam a ferrovia e a infovia. As grandes mudanças continuarão acontecendo apenas na maneira de operacionalização dos efeitos da rede mundial de máquinas, tal como ocorreu com

a chegada do trem. As operações comerciais, os suprimentos e a correlação de forças econômicas e culturais.

O fechamento da suposta rede democrática de computadores está chegando antes do que se imaginava. Como todo golpe, vem vestido de revolução. A revolução do acesso gratuito, das vantagens da utilização “sem custo” e da comodidade das informações filtradas. “Você não precisa ficar indo de site em site para ficar bem informado, a América Online faz isso por você”, diz a propaganda do maior portal de internet do mundo. Com tamanha “generosidade”, a competitividade dos pequenos provedores está abalada e, com ela, o sonho da comunicação livre. Caso a internet acabe no domínio de uma meia dúzia de grupos econômicos transnacionais, só teremos acesso às informações que forem do interesse deles e ficaremos prisioneiros da própria ignorância em *sites* e *bytes*. De tanto encanto, muitos foram atropelados pelos trens...